

O Labirinto Virtual

Ano 2094.

A terra abriga doze bilhões de pessoas. Mais de cento e duas espécies animais foram oficialmente extintas, e os avanços de biotecnologia - que prometeram preservar a vida - acabaram criando mais distúrbios do que soluções. A inteligência artificial, por sua vez, evoluiu a um nível que, décadas antes, seria considerado impossível de conceber.

I

O mundo real estava cinza naquela manhã de quinta-feira. A chuva batia nas janelas do prédio da LUX Corp como um código mal estruturado tentando quebrar uma parede de firewall. Alex Mercer observava o céu lavado por trás dos óculos de leitura, com os olhos cansados de quem vira o sol mais vezes no mundo virtual do que no físico.

A LUX era uma fortaleza de vidro e concreto no coração de Neo-Seul, e do 87º andar era possível ver os drones entregando pedidos com precisão de milissegundos. Ali dentro, no entanto, o tempo era moldável — e, para Alex, escorria depressa demais.

Ele digitava os últimos comandos do patch 2.8.7a no terminal pessoal. O Elysium havia recebido atualizações críticas durante a noite, mas a empresa ainda não permitia testes públicos. O novo código envolvia aprendizado dinâmico e um sistema de IA adaptativa que Rachel Kim, diretora de projeto, insistia que poderia revolucionar a narrativa virtual. “O jogo aprende com você”, ela dizia. Alex, cético como todo bom programador, duvidava que o código fosse estável.